

ÁREA TEMÁTICA: Cidades, Campos e Territórios

Território(s) e Qualidade de Vida: representações sobre um conceito

PINTO, Teresa Costa

Doutor em Sociologia do Território e do Ambiente

ISCTE

teresa.pintoiscte.pt

Resumo

A presente comunicação pretende, a partir da leitura de dados empíricos sobre Qualidade de Vida na Área Metropolitana de Lisboa, dar conta quer das noções de qualidade de vida interiorizadas pelos habitantes da AML, quer das formas de percepção e avaliação da qualidade de vida. A leitura destes dados será feita com o intuito de introduzir algumas reflexões sobre a complexidade de variáveis intervenientes entre condições objectivas e percepções subjectivas de qualidade de vida bem como contribuir para a discussão em torno das formas de intervenção em prol da melhoria da qualidade de vida em contextos urbanos.

Palavras-chave: qualidade de vida; percepção subjectiva da qualidade de vida; determinantes da qualidade de vida.





1. Introdução

Os dados e as reflexões aqui apresentados decorrem da recolha de informação produzida no âmbito da pesquisa *Percepção e Avaliação da Qualidade de vida na AML – Recursos, aspirações e necessidades na construção da noção de qualidade de vida*,ⁱ nomeadamente de um questionário aos habitantes da Área Metropolitana de Lisboaⁱⁱ no sentido de entender as formas de percepção e avaliação da qualidade de vida. Formas de percepção e avaliação da qualidade de vida no pressuposto de que resultam de um julgamento permanente de um sistema de oportunidades, recursos e constrangimentos que moldam a vida dos indivíduos nas suas várias dimensões e componentes, o mesmo é dizer que se considerava central atender não apenas às condições objectivas, mas avaliar o grau de bem-estar e os níveis de satisfação manifestados face a esse sistema de oportunidades, recursos e constrangimentos.

Assim, não se tratava de proceder a uma avaliação objectiva ou medição da qualidade de vida (não se pretendia elaborar um sistema de indicadores para criar uma medida qualquer de qualidade de vida susceptível de diferenciar espaços de maior ou menor qualidade de vida no interior da AML) mas, dotando o conceito de componentes de percepção e avaliação, saber como se articulam recursos e condições de vida e apreciações subjectivas traduzidas em níveis de satisfação.

O primeiro olhar orientou-se pela preocupação de saber como condições de estruturação sócio-espacial muito diferentes e, nomeadamente aquelas que caracterizam o centro e as periferias, produziram condições do quadro de vida profundamente desiguais proporcionando a estruturação de diferentes modos de vida e comprometendo ou facilitando diferentes níveis de qualidade a que corresponderiam também diferentes formas de percepção e avaliação da qualidade de vida.

A hipótese subjacente baseia-se na observação dos impactos sobre a estruturação do território de novas dinâmicas urbanas e sociais que configuram distintamente os vários espaços da metrópole: processos de diferenciação, fragmentação e hierarquização cada vez mais complexos; renovação da importância dos centros que se especializam em determinadas actividades e descentralizam as actividades produtivas para espaços cada vez mais longínquos segregando grupos sociais que adensam as periferias; degradação do meio ambiente, carência de equipamentos, dificuldades de acessibilidades e mobilidades, constituem processos de marginalização dos espaços periféricos por relação ao centro da metrópole, cavando um fosso cada vez maior entre centro e periferias e respectivos modos de vida dos residentes. As condições do quadro vida (*“liveability”*), sendo entendidas como potenciais elementos diferenciadores da qualidade de vida, deveriam induzir percepções e avaliações de qualidade de vida diferentes o que conduziu à hipótese de ser estruturante das formas de percepção e avaliação da qualidade de vida, o papel motriz das condições de estruturação sócio-espacial, sabendo-se que essas condições diferenciam os espaços na forma como os qualificam, nas condições de vida que enquadram a vida quotidiana e na qualidade de vida que permitem ou que comprometem. Daí que o ponto de partida reforçasse a possível clivagem centro/periferias, procurando os elementos diferenciadores (e, neste sentido, indutores de formas de desigualdade e de segregação sócio-espacial) ao nível da qualificação do espaço urbano, do habitat, das condições ambientais, das formas de mobilidade, da dotação de equipamentos, etc. que distinguem os vários territórios integrados na AML.

Assim formatado o objecto de pesquisa e orientado pela hipótese estruturante referida, as dimensões de análise desdobram-se na tentativa de perceber:

1- A noção de qualidade de vida interiorizada por indivíduos e grupos, no pressuposto de que avaliar as representações dos indivíduos sobre qualidade de vida pode constituir uma matriz válida para a interpretação da lógica dos seus valores e preferências e da hierarquia de prioridades quanto ao que potencialmente constitui uma “vida boa”;

2- A forma como os indivíduos percebem a sua qualidade de vida, através do grau de satisfação quer em relação aos vários domínios da vida quer à vida em geral. A lógica comparativa adoptada de satisfação entre os vários domínios objecto de inquirição permite-nos perceber quais as componentes da vida sujeitas



a apreciações mais ou menos positivas e de que forma estas apreciações reflectem circunstâncias objectivas de vida;

3- A avaliação de quais os “*determinantes da qualidade de vida*”, isto é, dos factores que contribuem para uma percepção mais positiva e para, supostamente, uma melhoria da qualidade de vida. Particularmente neste ponto, procurava-se estabelecer as relações entre os vários domínios constituintes da vida das pessoas através de julgamentos de valor que estas fazem em relação a cada uma destas componentes. Deste modo, estabelece-se uma hierarquia dos factores contribuintes para a qualidade de vida, fornecendo pistas fundamentais para a compreensão do que poderá constituir um aumento da qualidade de vida.

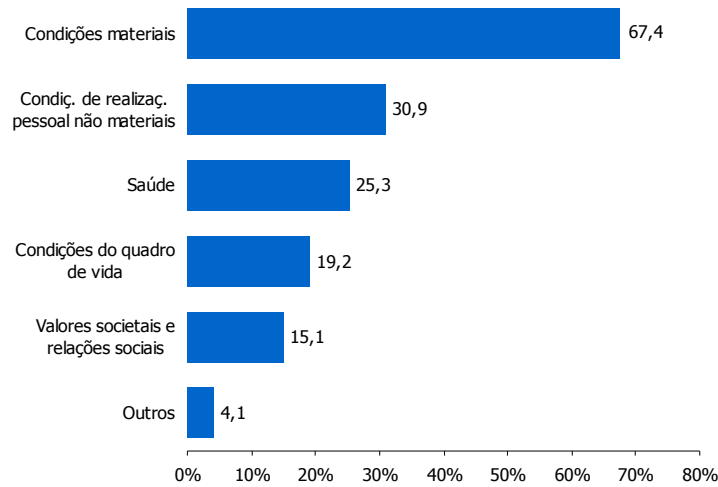
Os dados seleccionados para a presente comunicaçãoⁱⁱⁱ pretendem dar conta de algumas surpresas e perplexidades no apuramento dos resultados sobre as formas de estruturação da percepção e avaliação qualidade de vida, entendendo-os como objecto de reflexão susceptíveis de contribuir para definir as variáveis de mediação entre condições objectivas e níveis de satisfação e para a discussão em torno das formas de intervenção em prol da melhoria da qualidade de vida em contextos urbanos.

2. A noção de qualidade de vida: um centramento nas esferas mais materiais e nos domínios mais pessoais

Se uma análise das principais dinâmicas sócio-urbanísticas da metrópole de Lisboa^{iv} aponta para uma segmentação deste território, diferenciando-o, na diversidade das suas composições sociais, das suas características demográficas, económicas, de condições de vida, pareceria legítimo esperar iguais diferenciações em termos da noção e significado de qualidade de vida, do auto-posicionamento e das expectativas de evolução da qualidade de vida. Contudo, se por um lado as representações sobre o conceito de qualidade de vida traduzem a multiplicidade de dimensões que o próprio conceito encerra, por outro, deixam transparecer uma certa homogeneidade relativa à noção e ao significado de qualidade de vida que os habitantes da metrópole de Lisboa parecem ter interiorizado. Esta noção traduz-se num centramento do significado associado à qualidade de vida nas dimensões mais pessoais (sobretudo materiais embora também não materiais) e uma desvalorização relativa de dimensões societárias (expressas em necessidades de pertença e de identidade pessoal e social, ou se quisermos, na tipologia proposta por Allardt, em necessidades de “*loving*”)^v, sinal também do predomínio de uma noção de qualidade de vida individualista, assente na valorização das esferas mais privadas da vida com a conseqüente desvalorização das dimensões relacionadas com as formas de “*liveability*”^{vi} que englobam as condições do quadro de vida onde decorre o quotidiano dos indivíduos.

Como se pode observar pelos dois gráficos a seguir apresentados, o conceito dominante de qualidade de vida surge inequivocamente associado a condições materiais (dimensão que ocupa o primeiro lugar no conjunto das dimensões que compõem a qualidade de vida) enquanto as condições de realização pessoal não materiais^{vii} ocupam o segundo lugar no conjunto de referências pelas quais os indivíduos a definem. A saúde surge, assim, em terceiro lugar, mas com uma expressão significativa no seu contributo para a qualidade de vida.

Outro grupo, formado por duas categorias que relevam de diferentes planos da qualidade de vida, surge claramente secundarizado: em primeiro lugar, as condições que compõem o quadro de vida, supostamente estruturadoras da qualidade de vida, já que integram dimensões como as condições ambientais, a acessibilidade a equipamentos e serviços, a agradabilidade da zona de residência e as condições de segurança e marcam inevitavelmente as condições objectivas de vida nas quais os indivíduos inserem os seus tempos e as suas actividades da vida quotidiana; em segundo lugar, a identificação da qualidade de vida com valores societários e relações sociais^{viii}, dimensão eminentemente societária que se contrapõe a um marcado individualismo representado pela valorização das condições que permitem um bem-estar e realização pessoais.

**GRÁFICO 1 – Significado de qualidade de vida por categorias agrupadas (%)**

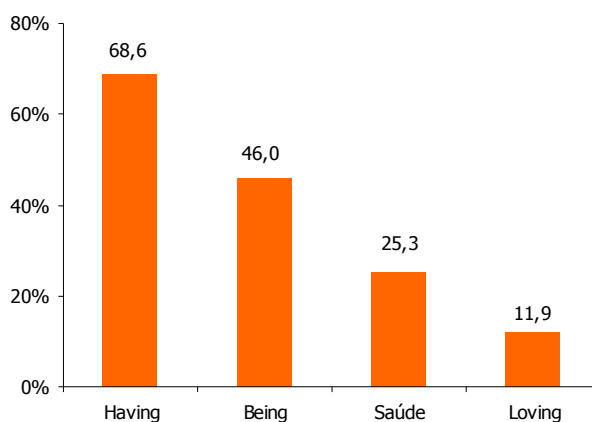
Fonte: Inquérito sobre Qualidade de Vida na AML

Quando agrupadas as diferentes referências quanto ao significado de qualidade de vida pela tipologia de necessidades proposta por Allardt (1993) que distingue entre necessidades de “*Having*”, “*Loving*” e “*Being*” numa escala que traduz uma progressiva complexificação das necessidades, desde as dimensões do ter às necessidades de pertença e de realização pessoal, verificamos um centramento do significado associado a qualidade de vida nas dimensões mais pessoais, materiais ou não materiais, e uma desvalorização relativa de dimensões mais societárias que envolvem necessidades socio-afectivas, de pertença e de identidade pessoal e social como são as representadas na categoria “*Loving*” ou, se quisermos, no conceito de “capital social”.

Se repararmos no gráfico a seguir apresentado, as dimensões de “*Having*”, ainda que incluam factores da ordem material e não material^{ix}, ocupam um lugar cimeiro nos significados aos quais os inquiridos associam a qualidade de vida. Em segundo lugar, são as dimensões de “*Being*”, centradas na capacidade de encontrar bem-estar e realização pessoal^x, a ocuparem um lugar de destaque na hierarquia de significados associados a qualidade de vida. A dimensão da saúde aparece aqui em terceiro lugar e, finalmente, as necessidades de “*Loving*”, traduzidas pela importância conferida às relações pessoais e sociais^{xi}. Tal centramento nas dimensões mais pessoais tem, no seu reverso, uma desvalorização das componentes relacionadas quer com as condições do quadro de vida quer com um nível societário representado pelas necessidades de pertença e de construção de identidades sociais. Mesmo dentro da categoria “*Being*” que contém aspectos de realização pessoal pela via da participação comunitária e do sentimento de utilidade para os outros, esta é a dimensão menos valorizada nesta categoria, o que indicia o predomínio de uma noção de qualidade de vida marcadamente individualista e assente na valorização das esferas da vida privada, parecendo estar de acordo com estudos recentemente publicados sobre os factores determinantes e os significados associados à qualidade de vida a nível europeu. (Cfr. Alber e Fahey, 2004; Delhey, 2004).



GRÁFICO 2 – Importância das dimensões “Having”, “Loving”, “Being” e Saúde para a qualidade de vida (%)



Fonte: Inquérito sobre Qualidade de Vida na AML

Ainda que esta seja a noção dominante de qualidade de vida, não é, no entanto, uniforme e a sua diferenciação parece revelar clivagens quer territoriais, quer etárias ou sociais: a fase de ciclo de vida menos sedimentada (mais jovens), a detenção de maiores recursos económicos e culturais, habitar em territórios mais qualificados do ponto de vista das condições do quadro de vida, parecem ser variáveis intervenientes numa concepção mais alargada, sistémica e exigente de qualidade de vida. Por exemplo, os habitantes do centro da metrópole parecem revelar uma concepção de qualidade de vida mais alargada, menos materialista mas individualista, preocupada com as condições que garantam uma realização e bem-estar pessoal.

O descentramento da noção de qualidade de vida das dimensões mais materiais e das esferas mais privadas está apenas presente nas categorias com recursos económicos, sociais e culturais que proporcionam a capacidade de orientar a noção de qualidade de vida para dimensões de “liveability” e para necessidades de pertença, menos presentes ou ausentes em grupos sociais mais baixos. Simultaneamente, os grupos sociais mais elevados valorizam as componentes da realização pessoal, o que revela outras capacidades e outras exigências e necessidades de qualidade de vida^{xii}.

3. A satisfação com os vários domínios da vida e a percepção de qualidade de vida: elevados níveis de satisfação e prioridade para as esferas mais privadas.

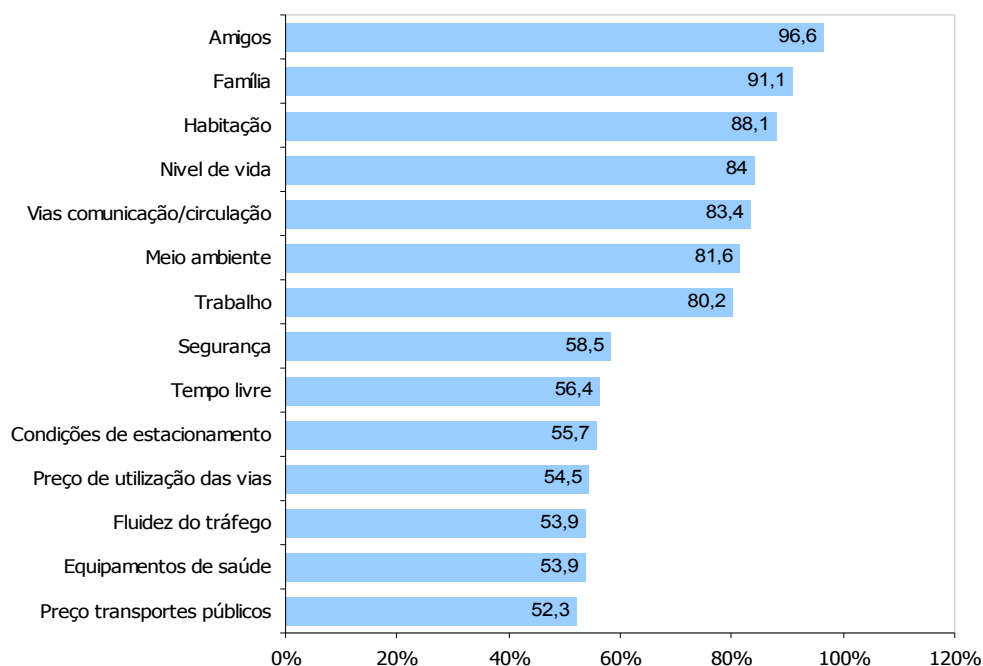
O objectivo da inclusão de dimensões analíticas como o grau de satisfação com os vários domínios da vida consiste em mostrar como os sujeitos avaliam os vários domínios da sua vida, para, num segundo momento, se avaliar o grau de satisfação com a vida em geral, tentando entender como se estrutura a percepção pessoal da qualidade de vida.



A primeira nota a destacar quanto à percepção da qualidade de vida, diz respeito aos elevados níveis de satisfação manifestados pelos inquiridos em relação aos vários domínios da sua vida. Como pode verificar-se pelo Gráfico 3, nenhum domínio merece uma apreciação positiva inferior a 50%, obtendo a maioria níveis de satisfação superiores a 80%. Uma segunda nota importante quando se compara a satisfação entre os vários domínios, é que os níveis mais elevados de satisfação estão associados às esferas mais privadas da vida, isto é, à família, aos amigos e à habitação que, aliás, coincidem parcialmente com os domínios mais valorizados e supostamente mais contribuintes para a qualidade de vida pelo testemunho dos inquiridos. Tal satisfação e valorização dos domínios mais privados entender-se-á, por um lado, no contexto de recursos disponíveis que os indivíduos controlam mais facilmente, por outro, na tendência das sociedades actuais para uma individualização crescente e o correspondente centramento do que se valoriza em torno das esferas mais privadas e individuais. De menor satisfação, mas ainda com satisfação elevada, surgem aspectos relacionados com as condições de mobilidade (sobretudo a fluidez do tráfego, o preço dos transportes públicos e da utilização das vias e as condições de estacionamento), com os equipamentos de saúde, com o tempo livre disponível e com as condições de segurança, domínios que reforçam a ideia de menor satisfação com factores que definem as condições do quadro de vida mas que tinham sido secundarizados nas representações dominantes sobre o conceito de qualidade de vida.

Tais níveis de satisfação deixam prever que poderão não reflectir a diversidade das formas de “liveability”, a diferenciação de condições sociais ou a influência das diferentes fases do ciclo de vida. São, contudo, consistentes com estudos recentes sobre a satisfação com a vida a nível europeu (Cfr. Delhey, 2004; Albert e Fahey, 2004) onde se destaca que as pessoas tendem a estar mais satisfeitas com os domínios privados e íntimos da vida que mais facilmente podem controlar, e menos satisfeitas com domínios cujas condições não dependem dos próprios mas de políticas públicas ou da acção do mercado. Outra justificação (Cfr. Cummins, 2003) para os níveis mais elevados de satisfação com as esferas privadas é a tendência para valorizar aspectos relacionados com a auto-estima e os domínios mais pessoais, traduzida num maior grau de satisfação.

GRÁFICO 3 – Satisfação com os vários domínios da vida (% de muito satisfeitos/satisfeitos) (%)



Fonte: Inquérito sobre Qualidade de Vida na AML

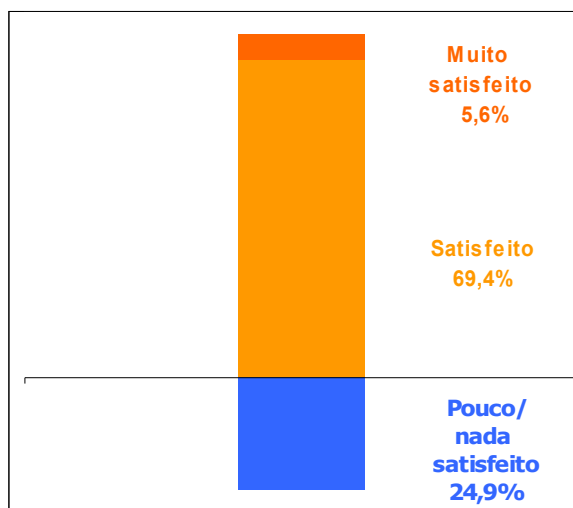


4. A percepção pessoal da qualidade de vida: uma descoincidência entre a satisfação elevada com a vida em geral e o autoposicionamento na qualidade de vida

O indicador “satisfação com a vida” tem sido utilizado na literatura sobre percepção subjectiva da qualidade de vida ou bem-estar subjectivo como o testemunho individual mais compreensivo das condições de vida, embora se reconheça a sua relativa independência de circunstâncias objectivas e a influência dos níveis de aspirações, expectativas e comparações sociais e temporais^{xiii}.

Tal como observámos elevados níveis de satisfação em relação à maior parte dos domínios, também os níveis de satisfação com a vida em geral podem ser considerados elevados. Como pode verificar-se pelo Gráfico 4, os respondentes desta inquirição declaram-se muito satisfeitos ou satisfeitos com a sua vida numa percentagem que atinge os 75%, embora praticamente ¼ manifeste o seu descontentamento.^{xiv} Tal constatação obriga a reconhecer o possível desfasamento entre condições objectivas de vida e níveis de satisfação, apelando a outras hipóteses explicativas que remetem para os níveis de aspirações, expectativas, para a lógica de comparações sociais e temporais potencialmente intervenientes na construção de uma noção de qualidade de vida que suporta níveis de necessidades e exigências muito diversificados, como vimos anteriormente^{xv}. Também na presente pesquisa, os elevados níveis de satisfação encontrados deixam entrever que podem não reflectir exactamente a diversidade das formas de *liveability* inerentes aos vários territórios em análise, a diferenciação das condições de vida individuais ou a influência da fase do ciclo de vida.

GRÁFICO 4 – Satisfação com a vida em geral (%)



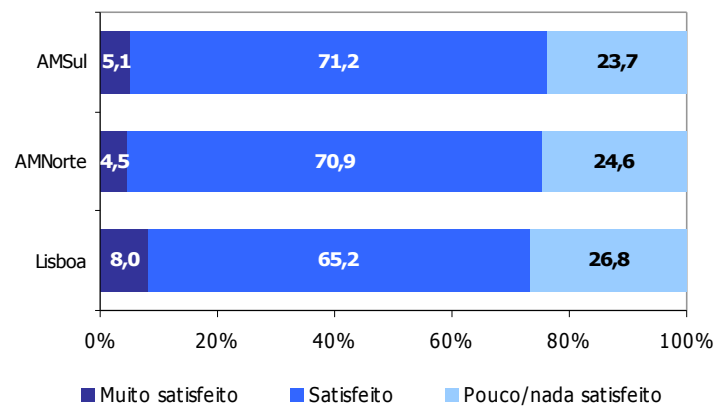
Fonte: Inquérito sobre Qualidade de Vida na AML

Tais níveis de satisfação confrontam-se com uma auto-classificação não muito elevada no nível de qualidade de vida. Os habitantes do centro da metrópole, que haviam mostrado uma noção mais abrangente e exigente de qualidade de vida, valorizando relativamente mais as condições de realização pessoal e do quadro de vida, são, curiosamente, os que demonstram níveis menores de satisfação com a sua vida, coerentemente com um autoposicionamento médio inferior também no nível de qualidade de vida. Dois factores poderão fornecer hipóteses explicativas para esta aparente dissonância. Por um lado, Lisboa aparece como o território mais dualizado do ponto de vista social, notório na forte polaridade de níveis de



vida, de estrutura de qualificações e profissões^{xvi}; por outro, os seus habitantes revelam níveis maiores de exigências e expectativas, sendo visível na própria concepção de qualidade de vida. Assim, uma satisfação menor com a vida, acompanhada de um auto-posicionamento médio inferior no caso dos habitantes do centro da metrópole, pode significar o efeito combinado de menores níveis de vida associados a determinados grupos sociais e de maiores exigências num quadro de vida mais qualificado associado a uma elite de urbanitas. Repare-se ainda como Lisboa apresenta os resultados mais polarizados da amostra, com uma percentagem maior quer dos muito satisfeitos quer dos insatisfeitos, relativamente às duas outras áreas de residência.

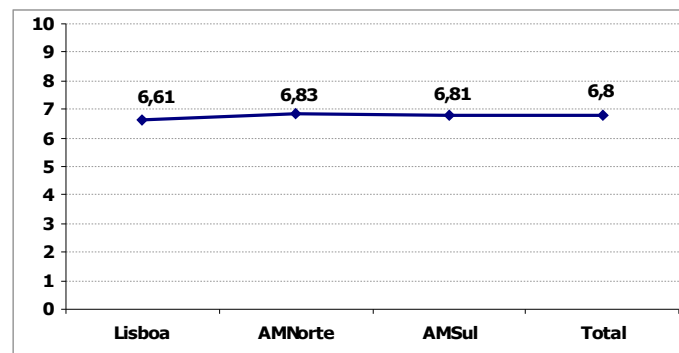
GRÁFICO 5 – Satisfação com a vida por área de residência (%)



Fonte: Inquérito sobre Qualidade de Vida na AML

GRÁFICO 6 – Auto-posicionamento no nível de qualidade

de vida por área de residência



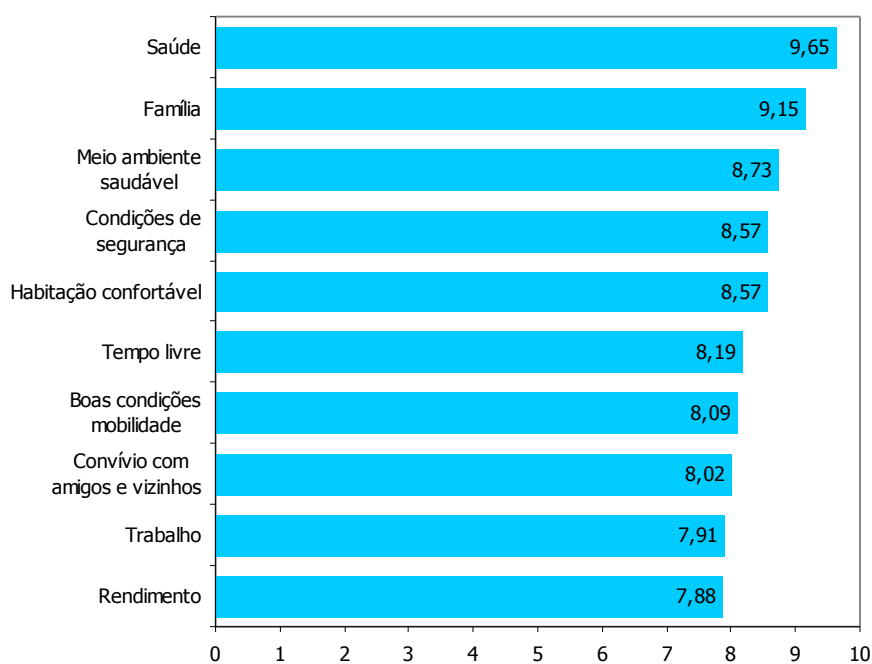
Fonte: Inquérito sobre Qualidade de Vida na AML



5. Os determinantes da qualidade de vida: prioridade para os domínios mais privados e pessoais

Pelo testemunho directo dos indivíduos quanto aos factores que mais contribuem para a sua qualidade de vida^{xvii}, os domínios mais privados continuam a aparecer como os mais determinantes. A saúde e a família, como pode observar-se pelo Gráfico 14, são os domínios mais pontuados (acima de 9) e, assim, os que potencialmente mais contribuem para a qualidade de vida. Pontuados com valores entre 8 e 9, são visíveis factores relacionados com o quadro de vida, como as condições do meio ambiente, de segurança, de mobilidade; dimensões de condições pessoais, como a habitação ou o tempo livre e dimensões relacionais, como o convívio com amigos e vizinhos. Nos aspectos menos pontuados (entre 7 e menos de 8) aparecem alguns dos domínios que mais poderão influenciar a qualidade de vida, como o trabalho e o rendimento. A menor pontuação destes aspectos pode significar que, neste momento, representam um contributo menor para a qualidade de vida dos indivíduos. Parece, por isso, legítima a interpretação de que melhores condições nestes níveis poderão significar um acréscimo na qualidade de vida.

GRÁFICO 7 – Factores determinantes para a qualidade de vida (média das pontuações)



Fonte: Inquérito sobre Qualidade de Vida na AML



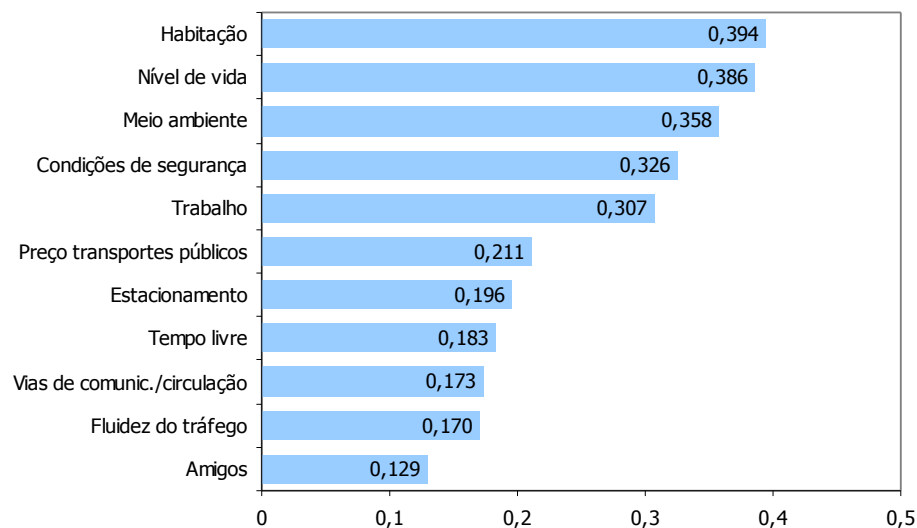
O uso de técnicas de correlação linear simples^{xviii} e do modelo regressional multivariado^{xix} apresentam uma alternativa para encontrar os domínios de maior influência num acréscimo da qualidade de vida subjectiva, independentemente da opinião directa dos inquiridos^{xx}. Por qualquer das técnicas utilizadas, infere-se que, quanto maior for a correlação entre a satisfação com um domínio e o posicionamento no nível de qualidade de vida, mais este domínio tem influência e importância para a qualidade de vida, fazendo supor que uma melhoria nas condições dos domínios mais correlacionados terá um impacto positivo na percepção do nível de qualidade de vida.

O gráfico seguinte mostra os resultados da correlação linear simples. Como pode verificar-se, os domínios mais correlacionados diferem dos domínios aos quais os inquiridos tinham atribuído maior importância. A habitação e o nível de vida, seguidos do meio ambiente, das condições de segurança e do trabalho aparecem como os domínios mais fortemente correlacionados com o posicionamento no nível de qualidade de vida, transparecendo domínios onde estão agora presentes factores que definem importantes dimensões de “liveability”, como as condições do meio ambiente e de segurança, dimensões, como vimos, menos marcantes nas representações sobre o conceito de qualidade de vida.

O modelo regressional multivariado confirma os resultados obtidos pela correlação linear simples, apurando três factores que mais explicam a qualidade de vida: o nível de vida, a habitação e o meio ambiente pela ordem referida.

GRÁFICO 8 – Correlação entre satisfação com domínios e percepção da qualidade de vida

(Coeficiente de correlação de Spearman’s^{xxi})



Fonte: Inquérito sobre Qualidade de Vida na AML



6. Como avaliar a qualidade de vida? A complexa mediação entre condições objectivas e percepções subjectivas

Os dados aqui apresentados, sobretudo no que tem a ver com os elevados níveis de satisfação encontrados quer em relação aos vários domínios, quer em relação à vida em geral, são tanto mais surpreendentes quanto se havia analisado a diversidade de composições sociais e territoriais que marcam o perfil da metrópole de Lisboa^{xxii}. Pelo contrário, tais níveis de satisfação, mesmo em relação a áreas menos satisfatórias (como parecem ser as mobilidades, o tempo livre, as condições de segurança e os equipamentos de saúde, variáveis que fortemente condicionam a qualidade de vida), parecem homogeneizar o espaço social da metrópole, remetendo eventuais diferenciações para as especificidades dos perfis sociais dos sujeitos, para as suas trajectórias e experiências de vida e para a forma como isto se traduz em recursos e capacidades, aspirações e expectativas, variáveis susceptíveis de constituírem matrizes de avaliação também elas diversas.

Tal homogeneização obriga a procurar a complexidade de razões que justificam este desfasamento entre possíveis condições objectivas de vida e respectivos níveis de satisfação, o que pode incluir desde comportamentos adaptativos (Cummins, 2000), até lógicas de comparações sociais e temporais com um papel explicativo na formação de aspirações e expectativas que medeiam entre a percepção de condições de vida e a respectiva avaliação (Campbell et al., 1976, Michalos, 1985).

Contudo, através do accionamento de uma metodologia quantitativa apoiada na construção de um inquérito por questionário, não foi possível dar conta das variáveis e dos processos que medeiam e explicam estes desfasamentos e estas clivagens. Subjacente a um dado território com condições de estruturação sócio-espaciais diferentes estão habitantes com determinados perfis sociais, trajectórias de vida, recursos e aspirações e de níveis etários muito diferentes, pelo que as análises quantitativas sobretudo baseadas em técnicas bivariadas tornam de difícil apuramento a capacidade explicativa da complexidade deste conjunto de variáveis. A explicitação das variáveis que produzem esta uniformidade de níveis de satisfação ou até incongruências entre supostas boas condições de vida e sentimentos menos elevados de satisfação requer a mobilização de uma metodologia mais qualitativa por forma a construir “perfis de qualidade de vida” que articulem trajectórias e perfis sociais actuais, capacidades e recursos com “noções de qualidade de vida” demonstrativas de uma diferenciação ao nível dos objectivos e dos resultados de vida, comportando níveis de exigências e de necessidades que distinguem os sujeitos na apreciação da sua qualidade de vida e nos dos vários domínios que a compõem^{xxiii}. Estas noções diferenciadas de qualidade de vida, tendo por detrás constrangimentos, aspirações e expectativas muito diferenciadas, reflectem-se em graus distintos de satisfação porque implicam maiores ou menores desfasamentos entre aspirações e concretizações. Só a utilização deste tipo de metodologia permite perceber os processos pelos quais as condições de vida são experimentadas pelos sujeitos, esclarecendo os mecanismos de ajustamento envolvidos na relação entre recursos objectivos e bem-estar subjectivo, isto é, como se faz, na expressão de Fahey *et al.* (2003), a “*experiência subjectiva de condições objectivas*”.

7. Que intervenção no sentido da promoção da qualidade de vida urbana? As preocupações actuais

A análise dos dados apresentados parece justificar algumas interrogações quando “lidos” na óptica de uma intervenção no sentido da promoção da qualidade de vida urbana. De uma forma geral, os resultados obtidos identificam dimensões objecto de maior satisfação - elementos relacionais e identitários, privilegiando-se as esferas da vida privada e pessoal (relações com os amigos, importância da família e da habitação) - e dimensões mais críticas, relacionadas com as mobilidades, equipamentos de saúde, tempo livre e segurança, podendo constituir indicadores de prioridades de intervenção. Por outro lado, nos domínios mais valorizados para a qualidade de vida, além da saúde e da família, aparecem factores relacionados com o quadro de vida - condições do meio ambiente, de segurança, de mobilidade, a sugerir que uma intervenção nestes domínios pode incrementar a qualidade de vida.



Da mesma forma, os domínios mais correlacionados com a qualidade de vida - habitação, nível de vida, meio ambiente, condições de segurança e trabalho - revelam factores que dizem respeito aos recursos dos próprios e do quadro de vida que podem ser críticos no contexto de vida actual, sobretudo as condições de segurança e ambientais que emergem, hoje, nos contextos urbanos como das dimensões mais críticas.

Contudo, uma noção de qualidade de vida centrada nas esferas mais materiais e nos domínios mais pessoais secundarizando as condições do quadro de vida e os domínios mais societários e os elevados níveis de satisfação quer em relação à vida em geral, quer aos vários domínios (mesmo os que se apresentam mais críticos no âmbito dos contextos urbanos actuais), fazem questionar as lógicas de intervenção baseadas numa leitura imediatista destes resultados se não os cruzarmos com a reflexão sobre as dinâmicas de mudança observáveis nas cidades contemporâneas. Estamos a referir-nos à crescente heterogeneidade dos modos de vida urbanos tradutores de uma enorme diversidade de aspirações, necessidades e exigências quanto a um modo e qualidade de vida urbanos; à heterogeneidade e diversidade dos perfis de habitantes das cidades na pluralidade e diversificação dos seus modos e estilos de vida e na cada vez maior heterogeneidade étnica e cultural. Estamos ainda a referir-nos à coexistência de públicos na cidade: habitantes, trabalhadores, visitantes suportando cada um necessidades e valores de urbanidade distintos. Neste sentido, tal como sublinha, Ascher (1998), cada vez mais seria preciso criar uma cidade “à la carte”, que responda, de forma diferenciada, a noções e exigências de qualidade de vida urbana assaz diversas.

Acrescente-se a estas dinâmicas outras de sinal negativo, relativas a processos de polarização e de fragmentação sociais de progressiva visibilidade e a emergência de novas formas de pobreza e exclusão sociais e urbanas que obrigam a repensar as estratégias de intervenção numa óptica articulada da qualidade de vida *da* cidade e *na* cidade. Quer-se dizer que, além da análise (e das formas de intervenção) da qualidade de vida por relação a grupos sociais específicos ou populações urbanas localizadas no território, dever-se-á tomar em consideração a análise das condições relativas à “*qualidade societal*” dos sistemas urbanos na medida em que garantam níveis de coesão social, sustentabilidade e “*empowerment*” susceptíveis de capacitar os seus habitantes a desenvolverem noções de qualidade de vida mais abrangentes e exigentes, focalizadas não tanto nos aspectos mais materiais e privados de qualidade de vida mas nas condições do quadro de vida e naquelas que permitam o bem-estar e realização pessoais.

Neste sentido, promover a qualidade de vida implicaria um investimento nas condições que garantam aos indivíduos a capacidade de alargar as oportunidades para escolherem os seus estilos de vida e concretizarem as suas necessidades e preferências. Retomamos a concepção de qualidade de vida de Sen (1993) quando sustenta dever ser aferida pelo nível de capacidade e de liberdade dos indivíduos para escolherem os seus objectivos e projectos de vida, isto é, pela sua capacidade de “*liberdade de bem-estar*”.

Bibliografia

ALBER, Jens.; FAHEY, Tom (2004), *Quality of life in Europe. Perceptions of Living Conditions in an enlarged Europe*, Dublin, European Foundation for the Improvement of Living and Working Conditions, Social Science Centre (WZB), Berlin and Economic and Social Research Institute (ESRI).

ALLARDT, Eric (1993), “Tener, amar, ser: una alternativa al modelo sueco de investigación sobre el bienestar”, em Martha Nussbaum, Amartya Sen (comp.), *La Calidad de Vida*, México, Fondo de Cultura Económica .

ASCHER, François (1998), *La République contre la Ville*, Paris, L’Aube.

CAMPBELL, A. *et al.* (1976), *The Quality of American Life. Perceptions, Evaluations and Satisfaction*, New York, Russell Sage Foundation.

CUMMINS, Robert, (2003), “Normative life satisfaction: Measurement issues and a homeostatic model”, *Social Indicators Research*, n.º 64, pp. 225-256.



- DELHEY, J., (2004), *Quality of Life in Europe. Life satisfaction in an enlarged Europe*, European Foundation for the Improvement of Living and Working Conditions, Social Science Centre (WZB), Berlin.
- DIENER, Ed; DIENER-BISWAS, Robert (2000a), "New direction in subjective well-being research: the cutting edge", Champaign, University of Illinois.
- DIENER, Ed.; DIENER-BISWAS, Robert (2002b), "Findings on subjective well-being and their implications for empowerment", Paper presented at the Workshop on *Measuring Empowerment: Cross-Disciplinary Perspectives*, World Bank, Washington, February 4th and 5th.
- DIENER, Ed.; SUH, Eunkook (1997), "Measuring quality of life: economic, social and subjective indicators", *Social Indicators Research*, n.º 40, pp.189-216.
- FAHEY, Tom *et al* (2003) *Monitoring Quality of Life in Europe*, Dublin, European Foundation for the Improvement of Living and Working Conditions, Economic and Social Research Institute.
- FAHEY, Tom.; SMITH, E. (2003), "What Can subjective indicators tell us about inequalities in welfare? Evidence from 33 European societies", Working Paper, Dublin, Economic and Social Research Institute.
- EASTERLIN, Richard (2003), "Building a better theory of well-being", University of Southern California and IZA BONN, *Discussion Paper nº 742*.
- MICHALOS, Alex (1985), "Multiple Discrepancies Theory (MDT)", *Social Indicators Research*, Vol. 16 (4), pp.347-413.
- MICHALOS, Alex (2003), *Essays on the Quality of Life*, Klumer Academic Publishers.
- PINTO, Teresa Costa (2004), "Qualidade de vida: reflexões e debates em torno de um conceito", *Cidades. Comunidades e Territórios*, CET/ISCTE, nº 9.
- PINTO, Teresa Costa. (2006), *Percepção e Avaliação da Qualidade de vida na AML – Recursos, aspirações e necessidades na construção da noção de qualidade de vida*, Dissertação de Doutoramento, ISCTE.
- PINTO, Teresa Costa (2007), "Noções e percepções de qualidade de vida: que pistas para uma intervenção na cidade?", *Cidades. Comunidades e Territórios*, CET/ISCTE, nº 15.
- SEN, Amartya (1993), "Capacidad y bienestar" in Martha Nussbaum, Amartya Sen, (comp.), *La Calidad de Vida*, México, Fondo de Cultura Económica.
- VEENHOVEN, Ruut (2000), "The four qualities of life. Ordering concepts and measures of the good life", *Journal of Happiness Studies*, Vol 1, pp. 1-39.

- ⁱ PINTO, Teresa Costa (2006) *Percepção e Avaliação da Qualidade de vida na AML – Recursos, aspirações e necessidades na construção da noção de qualidade de vida*, Dissertação de Doutoramento, ISCTE
- ⁱⁱ A amostra que está na base do inquérito por questionário compreendeu a aplicação de 424 questionários aos residentes nos 18 concelhos da AML. Com base numa caracterização feita anteriormente dos concelhos da AML, a partir da informação estatística disponível, considerou-se importante a clivagem entre periferias da Área Metropolitana de Lisboa situadas a norte do rio Tejo e periferias localizadas a sul. No interior de cada grupo, procurou-se inquirir um número de pessoas proporcional ao peso da população, com mais de 15 anos, aí residente, diversificando a amostra em termos etários e sociais (foram tidas em conta as variáveis profissão e habilitações).
- ⁱⁱⁱ Para uma apresentação e análise mais aprofundada destes resultados, cfr. PINTO, Teresa Costa, 2007, “Noções e percepções de qualidade de vida: que pistas para uma intervenção na cidade?”, *Cidades. Comunidades e Territórios*, CET/ISCTE, nº 15
- ^{iv} Esta análise foi feita no âmbito da Dissertação em referência.
- ^v ALLARDT (1993)
- ^{vi} Na aceção do conceito tal como é definido por Veenhoven (2000)
- ^{vii} Na categoria **Condições de realização pessoal não materiais**, englobaram-se: bem-estar pessoal, realização profissional, trabalho, condições para o lazer, cultura, educação, tranquilidade/calma, segurança, amor, afectividade, felicidade
- ^{viii} Nesta categoria foram incluídos: valores sociais como justiça, solidariedade, paz, etc. e as dimensões da satisfação com o relacionamento inter-pessoal.
- ^{ix} Nesta categoria foram incluídas as seguintes dimensões: condições materiais, trabalho, acesso à educação/cultura, condições para o lazer, condições ambientais, agradabilidade do local de residência, tranquilidade/estabilidade, acessibilidade a equipamentos e serviços e segurança.
- ^x Nesta categoria foram agrupadas as seguintes dimensões: realização pessoal/profissional, bem-estar pessoal, valores sociais.
- ^{xi} Nesta categoria, foram agrupadas as seguintes dimensões: satisfação com as relações pessoais; amor/afectividade e felicidade.
- ^{xii} Cfr. PINTO, Teresa Costa (2007) “Noções e percepções de qualidade de vida: que pistas para uma intervenção na cidade?”, *Cidades. Comunidades e Territórios*, CET/ISCTE, nº 15
- ^{xiii} Como para cada domínio em análise, perguntava-se aos inquiridos o grau de satisfação com a vida em geral numa escala que compreendia os níveis: muito satisfeito, satisfeito, pouco satisfeito e nada satisfeito. A acrescentar a este indicador, era igualmente proposta uma auto-classificação no nível de qualidade de vida. Pedia-se aos inquiridos para, utilizando uma escala de 0 a 10 em que 0 é nula qualidade de vida e 10 máxima qualidade de vida, se posicionassem em termos da sua qualidade de vida.
- ^{xiv} Contudo, estes níveis de satisfação são coerentes com os resultados obtidos pelo referido estudo de Delhey (2004) que coloca Portugal, em termos de satisfação, na 18ª posição num conjunto de 28 países europeus, ainda assim com um grau de satisfação que atinge os 73%.
- ^{xv} A comprovar esta hipótese, o mesmo estudo reconhece que a evolução positiva do nível de vida em muitos dos países europeus não teve correspondência em termos de um aumento médio da qualidade de vida subjectiva permanecendo em níveis estáveis durante mais de três décadas. A elevação das aspirações parece ser a chave do entendimento deste paradoxo (Cfr. Easterlin (2001).
- ^{xvi} Cfr. PINTO, Teresa Costa (2006)
- ^{xvii} Pedia-se aos inquiridos para pontuarem uma lista de 13 domínios contribuintes da qualidade de vida, utilizando uma escala de 0 a 10.
- ^{xviii} Utilizou-se o Coeficiente de correlação linear de Spearman’s (não paramétrico ρ), pois embora todas as variáveis se encontrassem medidas em escala tipo Lickert, em algumas delas o n.º de categorias consideradas pelos respondentes era inferior a 4.
- ^{xix} No modelo de regressão, optou-se por excluir a variável referente ao domínio das relações sociais pelo motivo anteriormente apontado. Apenas se incluíram os domínios com Sig. igual ou superior a 0,1.
- ^{xx} Neste sentido, optou-se por fazer inicialmente uma correlação entre a satisfação com os vários domínios e o posicionamento no nível de qualidade de vida para, posteriormente, se ensaiar um modelo regressional multivariado tomando em conta as mesmas variáveis, em que as primeiras são consideradas independentes.
- ^{xxi} Apenas se incluíram os domínios com Sig. igual ou superior a 0,1.
- ^{xxii} Cfr., Pinto, Teresa Costa (2006), Cap III
- ^{xxiii} Cfr., Pinto, Teresa Costa. (2006), Cap V